

O PERFIL PSICOEDUCACIONAL REVISADO (PEP-R) E A EDUCAÇÃO DO AUTISTA: um estudo de revisão

Claudiana da Silva¹

Fernanda Fernandes Gurgel²

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar a eficácia da utilização do Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R) no auxílio da educação de crianças autistas. Foi realizada pesquisa bibliográfica em artigos científicos e livros. Sabe-se que o autismo é um transtorno caracterizado pela falta da interação social, de comunicação verbal e pela presença de comportamentos repetitivos. O indivíduo autista apresenta resistência a métodos tradicionais de ensino por isso há a necessidade de falar também, na educação inclusiva e no método TEACCH que é um programa especial de educação para crianças autistas baseado na criação de rotinas. O PEP-R é uma ferramenta de avaliação capaz de avaliar crianças autistas ou com outro transtorno da comunicação nas áreas comportamentais e de desenvolvimento, podendo ajudar pais e professores na educação dessas crianças.

Palavras-chave: Autismo. TEACCH. PEP-R. Educação Inclusiva.

THE PSYCHOEDUCATIONAL REVISED PROFILE (PEP-R) AND EDUCATION AUTISTIC: a systematic review

Abstract

The present work aims to show the effectiveness of using Psycho-educational Profile Revised (PEP-R) in aid of education of autistic children. Bibliographic search was performed in scientific articles and books. It is known that autism is a disorder characterized by a lack of social interaction, verbal communication and the presence of repetitive behaviors. The autistic individual is resistant to traditional teaching

¹Acadêmico do Curso de Especialização em Avaliação Psicológica II do Centro Universitário do Rio Grande do Norte UNI-RN email: silva_claudiana@ig.com.br

²Professor Orientador do Curso de especialização em Avaliação Psicológica II do Centro Universitário do Rio Grande do Norte UNI-RN email: fernandafgurgel@hotmail.com

methods so there is a need to talk too, inclusive education and the TEACCH method which is a special education program for autistic children based on the creation of routines. The PEP-R is an assessment tool capable of assessing children with autism or another disorder in the areas of communication and behavioral development and can help parents and teachers in the education of these children.

Key words: Autism. TEACCH. PEP-R. Inclusive Education.

Introdução

O autismo infantil é uma área que vem despertando interesse de diversos estudiosos, visto que, é uma doença definida como um conjunto de sintomas de base orgânica, com implicações neurológicas e genéticas. Portanto, várias abordagens de tratamento têm sido desenvolvidas – cada uma com suas diferentes teorias. Algumas correntes apontam para as alterações comportamentais nos primeiros anos de vida como importantes para a definição do transtorno.

É um transtorno caracterizado pela ausência da interação social, de comunicação verbal e não verbal do indivíduo e pela presença de comportamentos repetitivos. Uma das principais dificuldades de quem lida com autistas é a de chamar sua atenção e isso faz com que dificulte mais ainda a questão do desenvolvimento desse indivíduo.

Os autistas podem apresentar algum comprometimento cognitivo, o que irá implicar em desenvolvimento atípico desde a infância, em outros casos, o transtorno pode ser decorrente de alguma condição médica. Deve-se considerar que o autismo deve ser diagnosticado com base nos aspectos comportamentais, independente da presença ou não de quaisquer condições médicas associadas. Sabe-se que pesquisadores ainda não identificaram os fatores que causam o autismo. Portanto, terapeutas e pais de autistas possuem diversas formas de ajudá-los. Visto que, o melhor tratamento para o autismo é a educação.

É importante ressaltar que o autista apresenta resistência aos métodos tradicionais de ensino, daí a necessidade de se falar de educação inclusiva. Uma das possibilidades atualmente em uso é o método TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children*), que é um

programa especial de educação utilizado para suprir as necessidades individuais de aprendizado de crianças autistas baseado no desenvolvimento de sua rotina através de materiais que utilizam estímulos visuais.

O objetivo deste estudo foi realizar uma revisão bibliográfica acerca do Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R), que é um instrumento de avaliação da idade de desenvolvimento de crianças com autismo ou com outros transtornos da comunicação, no qual foram realizadas buscas no CID-10, livros e em artigos selecionados na base de dados Scielo. Os critérios de inclusão: artigos que abordaram o autismo e o PEP-R sendo utilizado como ferramenta educacional para planejamento de programas educacionais especiais individualizados. Os critérios de exclusão: artigos que abordaram apenas o autismo como transtorno. A coleta de dados compreendeu entre o mês de Fevereiro a julho de 2012.

O PEP-R é ferramenta psicológica foi escolhida para melhor compreensão do desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo autista, para assim, poder elaborar um planejamento psicoeducacional para a criança autista. Além do método TEACCH e do PEP-R, existem outros instrumentos que auxiliam na educação de autistas, que é o caso do PECS (*Picture Exchange Communication System*), o PIE (Planejamento Individual de Ensino) e o ABA (Análise Aplicada do Comportamento), porém no estudo em questão foram utilizados o programa TEACH e o instrumento PEP-R.

A partir do entendimento sobre o que venha ser o autismo, pais e professores poderão lidar melhor com a criança autista e é importante saber quais são as áreas do desenvolvimento que estão mais comprometidas nesta criança, e também, qual é a idade de seu desenvolvimento.

O PEP-R é destinado a crianças entre 01 e 12 anos de idade, é um instrumento que identifica algumas áreas do desenvolvimento tais como: a imitação, a coordenação motora ampla e fina, a coordenação visuo-motora, a percepção, o desempenho cognitivo e a cognição verbal, e também, níveis de anormalidades de comportamento típicas do autismo. Os itens do desenvolvimento da criança podem ser avaliados no teste como: aprovado, emergente ou reprovado.

No que diz respeito à interação social, esta está ligada a capacidade de imitação do indivíduo, sendo assim, pode-se dizer que esta relacionada com a aprendizagem, já que a criança aprende por meio da imitação e a partir da imitação ela pode comunicar-se com o mundo. A família desempenha um importantíssimo papel na educação da criança autista, pois é na família que a criança estabelece a

primeira forma de socialização e é nela também, que a criança aprende a se comunicar com o outro.

Vale lembrar que o PEP-R serve para subsidiar pais e professores a entenderem quais as áreas de desenvolvimento estão mais comprometidos na criança, e dessa forma, poder ajudá-los na criação de métodos psicoeducacionais individualizado, porém no uso deste teste (o PEP-R), como de qualquer outro instrumento avaliativo, devem-se utilizar outros instrumentos ferramentas como forma de complementar a avaliação do desenvolvimento da criança autista.

O autismo

Segundo Timo, Maia e Ribeiro (2011), o autismo foi primeiramente descrito por Leo Kanner no ano de 1943, a partir de artigo publicado com estudos de casos de onze crianças que apresentaram as mesmas manifestações de sintomas, Kanner os organizou em três grupos: inabilidade social; problemas na linguagem e comunicação; e necessidade da repetição, ou mesmice.

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-10, 1993 p. 246), “o autismo é um transtorno caracterizado por anormalidades qualitativas em interações sociais recíprocas e em padrões de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo”. Assim sendo, os indivíduos autistas geralmente apresentam problemas na fala, na interação social, na comunicação e no que diz respeito aos comportamentos emocionais.

A palavra **autismo** vem de uma palavra grega que significa “**si mesmo**”, daí a explicação para o desvio do contato por meio do olhar. As crianças autistas prestam pouca atenção umas às outras e mostram mais interesse em objetos inanimados.

O autismo é um distúrbio crônico que exige tratamento intensivo, embora os pais possam ser treinados a administrar grande parte dele. É atribuído à patologia cerebral induzida pela hereditariedade ou por lesões pré-natais ou de nascimento, tendendo a aparecer durante a pré-adolescência ou adolescência.

Em outras palavras, autismo é uma desordem global do desenvolvimento neurológico, isto é, uma alteração cerebral que afeta a capacidade da pessoa se comunicar, estabelecer relacionamentos e responder apropriadamente ao ambiente.

Na visão de Coll; Marchesi & Palácios (2004), o autismo é um transtorno emocional, produzido por fatores emocionais ou afetivos inadequados na relação da criança com as figuras de criação. Como características do autismo estão: dificuldade na interação social – dificuldade acentuada no uso de comportamentos não-verbais como: contato visual, expressão facial e gestos; dificuldade em fazer amigos; dificuldade em compartilhar as emoções e dificuldade em mostrar reciprocidade social ou emocional; prejuízos na comunicação – atraso ou falta de linguagem verbal; dificuldade em iniciar ou manter uma conversa; uso estereotipado e repetitivo da linguagem e dificuldade em brincadeiras de faz-de-conta; padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades – preocupação com um ou mais padrões estereotipados; assumir de forma inflexível rotinas ou rituais como: ter manias ou focalizar-se em um único assunto de interesse; maneirismos motores estereotipados como: agitar ou torcer as mãos e preocupação insistente com partes de objetos, em vez do todo.

Em alguns casos, os autistas podem apresentar algum grau de comprometimento cognitivo, o que irá implicar em desenvolvimento anormal desde a infância, já em outros casos, o transtorno autista pode ser decorrente de alguma condição médica como: rubéola congênita, espasmos infantis e anomalia do cromossoma X. Deve-se levar em consideração que o transtorno deve ser diagnosticado com base nos aspectos comportamentais, independente da presença ou ausência de quaisquer condições médicas associadas.

De acordo com Davidoff (2001), os indivíduos autistas mostram problemas especiais em partilhar experiências com os outros e comumente, suas habilidades de comunicação são dificultadas, fazendo com que eles permaneçam mudos ou comportem-se como “papagaios”, repetindo o que é dito. Muitos deles resistem a qualquer tipo de mudança e outros se engajam em rituais repetitivos como: rodar, balançar-se ou balançar os braços. O comportamento autodestrutivo, como bater a cabeça ou morder-se, também é característico.

Com relação ao tratamento do autismo, os pesquisadores ainda não identificaram claramente os fatores causais do autismo. No entanto, terapeutas e pais de pessoas com autismo têm experimentado diversas formas de ajudá-las. Muitas abordagens de tratamento têm sido desenvolvidas – cada uma com diferentes filosofias e metodologias. Há correntes teóricas que apontam as

alterações comportamentais nos primeiros anos de vida como relevantes para definir o transtorno. Atualmente, o tratamento mais eficaz do autismo é a educação.

De acordo com Coll; Marchesi & Palácios (2004), devemos levar em conta que a maioria das pessoas autistas requer atenção, supervisão e apoio durante toda a vida. Atualmente não se “cura” o autismo, embora possa haver uma melhora muito significativa, graças, sobretudo, ao trabalho paciente da educação. O próximo tópico discorrerá sobre a educação inclusiva.

A educação inclusiva

A garantia de acessibilidade a todos é o grande desafio que a sociedade precisa enfrentar para viabilizar a inclusão, permitindo que as pessoas com deficiência exerçam os direitos de estudar, locomover-se, trabalhar, divertir-se, praticar esportes, etc.

A escola inclusiva é um tipo de escola que proporciona o direito de todos os alunos a uma educação integradora. A prática desse tipo de educação repercute em mudanças profundas nas escolas e nas salas de aula, tendo o objetivo de questionar os alunos sobre suas experiências e sua vida.

Para Amiralian (1986), a educação especial tem por objetivo proporcionar condições satisfatórias para o desenvolvimento das crianças que, por condições intelectuais, físicas ou sócio-emocionais, não conseguem usufruir plenamente das condições oferecidas para a maioria e necessitam de recursos específicos para adquirir habilidades. Já a reabilitação tem por objetivo tornar o indivíduo novamente apto, isto é, fazê-lo adquirir outras habilidades, diferentes daquelas que possuía anteriormente à condição de incapacidade.

A citação acima implica dizer que tanto a reabilitação como a educação especial se propõem a encontrar os meios mais adequados para dar aos indivíduos excepcionais as condições necessárias de desenvolvimento e ajustamento pessoais satisfatórios. Por esta razão, a reabilitação e a educação especial são processos que exigem o trabalho de uma equipe multidisciplinar.

Segundo Coll; Marchesi & Palácios (2004), as escolas que dão uma atenção especial à interação social dos alunos, que avaliam os progressos acadêmicos dos alunos integrados de acordo com suas possibilidades e não em comparação com

seus colegas e que trabalham particularmente em grupos cooperativos heterogêneos têm mais possibilidades de melhorar a competência social e a auto-estima dos alunos e a opção educativa em um determinado momento do desenvolvimento da criança não deve ser entendida como uma sentença para toda a vida escolar.

Entre as condições que permitem uma integração mais positiva estão: projeto compartilhado, currículo adaptado, organização flexível e atitudes positivas da comunidade educacional.

O projeto educativo das escolas de integração é a variável mais importante que prevê os maiores progressos na integração. A adaptação do currículo é outra característica relevante que implica determinar o que o aluno é capaz de fazer em relação aos objetivos e conteúdos das diferentes áreas do currículo escolar. O objetivo da integração não é que os alunos estejam com seus colegas, mas que participem de um currículo comum.

No que vai de acordo com Amiralian (1986), outro fator que facilita a integração é a organização flexível das escolas. Para serem integradoras, elas têm de mudar sua cultura, sua organização e a forma de trabalho entre os professores. Por fim, a atitude dos pais, tanto dos que tem filhos com alguma deficiência como do conjunto de alunos da escola de integração, tem uma grande influência no processo educativo, visto que a família desempenha um papel importante no que se refere à educação, pois são figuras condicionantes para o desenvolvimento.

O avanço no sentido das escolas inclusivas não é fruto apenas do esforço dos professores ou das atitudes positivas do conjunto da comunidade educacional de uma escola. É mais do que isso, expressão de confluência de um amplo conjunto de condições que torna possível, para a imensa maioria dos alunos com graves problemas de aprendizagem, uma resposta satisfatória nas escolas regulares.

De acordo com Coll; Marchesi & Palácios (2004), a educação das pessoas com autismo e outros transtornos profundos provavelmente exige mais recursos do que são necessários em qualquer outra alteração ou atraso evolutivo. Um dos recursos utilizados é o método TEACCH,

Segundo Calazans e Martins (2007), a sua sigla TEACCH significa Treatement and Education of Autistic and related Comunication Handicapped Children e em português é o (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com

Déficits relacionados com a comunicação). O TEACCH é o método que pretende desenvolver as habilidades comunicativas.

Na visão de Leon (2002), para desenvolver as habilidades comunicativas de crianças autista, o método TEACCH emprega tanto a linguagem verbal como modalidades não-orais, e não oferece propriamente uma programação, mas um guia de objetivos e atividades com sugestões de como avaliá-las e programá-las. Para isso, diferencia cinco dimensões nos atos comunicativos como: função, contexto, categorias semânticas, estrutura e modalidade. Visto que, geralmente, os autistas aprendem melhor por visualização, apreciam rotinas estruturadas e não são favoráveis a surpresas. No TEACCH é estabelecido um plano terapêutico individual, onde é criada uma rotina diária para a criança autista. O aprendizado parte de objetos concretos e passa gradativamente para modelos representacionais e simbólicos, de acordo com as possibilidades da criança acometida pelo transtorno.

De acordo com a autora mencionada anteriormente, a criação do método TEACCH se deu na década de 60 na divisão de psiquiatria na escola de medicina da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos e tem seu berço com base na teoria behaviorista. Conforme tal teoria, o uso de reforçadores que evidenciam influências comportamentais na tentativa de obtenção de maior controle de respostas da criança autista. A psicolinguística também contribuiu na criação do TEACCH com o uso de recursos visuais como pictogramas ou fotos que servem para ampliar a capacidade de compreensão da criança autista. A psicolinguística contribuiu também, na intervenção das funções de comunicação como a solicitação, rejeição e a escolha. A teoria psicolinguística contribuiu com a escolha de objetos de acordo com o de desenvolvimento da criança autista. Sendo assim, o TEACCH possui bases teóricas tanto no comportamentalismo como na psicolinguística, o que está exatamente, de acordo com Kwee, Sampaio e Atherino (2009).

O PECS (Sistema de Comunicação Através de Trocas de Figuras) é um sistema que deve ser usado por pessoas com dificuldades na fala, como é o caso de pessoas com autismo, já o PIE (Planejamento Individual de Ensino) refere-se a um plano específico de ensino para alunos com necessidade especiais, que pode ser utilizado na educação de crianças autistas e o ABA (Análise Aplicada do Comportamento) é uma abordagem da teoria comportamental adaptada e aplicada ao ensino de autistas. Essas ferramentas podem ser citadas como exemplos de

instrumentos a serem utilizadas na educação de autistas, visto que, o objetivo deste estudo não foi o de se aprofundar nos referidos instrumentos.

Cabe salientar que na pesquisa em questão foi utilizado o método TEACCH por se tratar de um programa que foi desenvolvido especificamente para o tratamento e educação para crianças autista ou com distúrbios de comunicação e por se tratar de uma avaliação usada em todo o mundo, o que esta de acordo com Gomes e Souza (2008).

Foi utilizado também, o PEP-R que é instrumento usado para identificar padrões irregulares de aprendizagem podendo, dessa forma, ser útil na identificação de áreas mais acometidas pelo transtorno na criança autista.

De acordo com Leon (2002), o modelo TEACCH serviu de alicerce para a criação do Perfil Psicoeducacional Revisado PEP-R.

O PEP-R

Como visto anteriormente, a metodologia TEACCH tem como seu principal objetivo o de trabalhar as principais dificuldades e comprometimentos que o autista apresenta em função de sua deficiência, buscando desenvolvê-los e estimulá-los para uma vida independente. Diante disso, existe uma ferramenta que foi criada a partir do método TEACCH: o instrumento avaliativo PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado). Dito instrumento pode ajudar o autista de forma que ele possa, aos poucos, ganhar essa independência. Visto que, através da investigação do comprometimento da criança acometida pelo transtorno do autismo a família poderá ajudar o autista.

Segundo Lampréia (2003), vários instrumentos de avaliação têm sido desenvolvidos com o intuito de proporcionar um perfil mais refinado dos prejuízos e competências da criança autista sob investigação. O PEP-R é um destes instrumentos, sendo criado como ferramenta educacional para planejamento de programas educacionais especiais individualizados.

Para Leon et al (2004) PEP-R foi criado no departamento de Projeto de Pesquisa em Psiquiatria Infantil na Universidade da Carolina do Norte nos Estados Unidos. Este instrumento serve para a criação de um planejamento psicoeducacional de acordo com os pressupostos teóricos do modelo TEACCH. É

um instrumento que vem sendo usado no Brasil desde 1992, para fins clínicos, em sua forma original, porém apenas traduzido, o que aponta para a necessidade de estudos sobre as suas propriedades psicométricas.

Ainda de acordo com Leon et al (2004), existem duas escalas no PEP-R. A primeira de desenvolvimento: que foi desenvolvida através de normas empíricas, de acordo com performances de crianças norte-americanas que tinha o desenvolvimento típico.

A outra escala foi criada com base no CARS (*Childhood Autist Rating Scale*) que de acordo com Gomes e Souza (2008), o CARS é um instrumento que permite identificar pessoas com características comportamentais de autismo e distinguir entre autismo e atraso no desenvolvimento sem autismo.

De acordo com Lampreia (2003), O PEP-R é um instrumento destinado a crianças cuja faixa etária varia entre 01 e 12 anos, identificando sete áreas do desenvolvimento, tais como: imitação, percepção, motora fina, motora grossa, integração olho-mão, cognição, cognitivo-verbal, cada área possui sua prova específica com tarefas a serem desenvolvidas ou comportamentos a serem observados, envolvendo um total de 131 itens. Identificando também níveis de anormalidades de comportamento típicas do autismo, em quatro áreas: relacionamento e afeto; brincar e interesse por materiais; respostas sensoriais; linguagem, num total de 43 itens.

Ainda de acordo com Lampreia (2003), as avaliações incluem: brinquedos e materiais pedagógicos apresentados à criança como atividades estruturadas de brincar e as técnicas de aplicação incluem instruções verbais e não-verbais em que podem ser aplicadas, até mesmo, através de demonstrações feitas pelo examinador. O avaliador observa, avalia e anota a resposta da criança durante todo o teste.

Segundo Timo, Maia e Ribeiro (2011), a imitação tem um importante papel no que se refere ao estabelecimento da interação social. O PEP-R avalia a área de imitação do autista e esta é composta de 16 itens, sendo avaliada através de atividades corporais, de manipulação de objetos e de linguagem. Tendo como base, que as crianças autistas prestam pouca atenção umas às outras e mostram mais interesse em objetos inanimados.

Para Lampreia (2003), a escala comportamental do PEP-R permite avaliar comportamentos considerados característicos do autismo e é por este motivo, apesar de o PEP-R não ser uma ferramenta diagnóstica, que ele pode ajudar a

especificar semelhanças e diferenças naquelas crianças diagnosticadas como autistas a partir de outros instrumentos.

Segundo a autora acima, os itens de comportamento devem ser avaliados como: adequado, moderado ou grave e só então é feita a avaliação de desenvolvimento e do comportamento, de acordo com critérios propostos pelo instrumento e em sua administração não se utiliza qualquer forma de contagem tempo, a não ser um controle do número de tentativas utilizado para a criança resolver cada tarefa, conforme instruções contidas em seu manual. Vale então ressaltar, que compreendendo as limitações da criança com o transtorno do autismo, pais e professores poderão lidar de forma mais adequada com as mesmas. Para isso é preciso que se tenha a avaliação de quais áreas do desenvolvimento está mais comprometida nesta criança, já que o referido instrumento como mencionado anteriormente, pode avaliar as seguintes áreas de desenvolvimento: imitação, coordenação motora ampla e fina, coordenação visuo-motora, percepção, desempenho cognitivo e cognição verbal. Somando 131 itens.

Segundo Leon et al (2004), cada item de desenvolvimento pode ser avaliado como: aprovado (o examinando conseguiu realizar a tarefa sozinho), emergente (o examinando conseguiu realizar a tarefa, porém necessitou de ajuda do examinador) ou reprovado (o examinando não conseguiu realizar a tarefa). Uma resposta com resultado emergente pode significar, por exemplo, que existe o conhecimento parcial sobre o que é necessário para a criança realizar a tarefa de forma bem sucedida.

No PEP-R são 15 os itens que avaliam a área da percepção e podendo, então, testar o funcionamento das modalidades sensoriais (visual e auditiva), essas áreas são essenciais para que a criança possa selecionar e organizar um estímulo recebido.

De acordo com Lampreia (2003), o PEP-R apresenta apenas um item para avaliar a atenção, porém é importante observar que para desenvolver as outras atividades propostas pelo teste a criança necessita também desta habilidade, se ela for incapaz de prestar atenção não terá um desempenho adequado no teste. Portanto, existem tarefas no PEP-R que permitem avaliar mais de uma área de desenvolvimento ou comportamento da criança, como por exemplo: um desempenho ruim na área da imitação pode estar ligada a problemas sensoriais e perceptuais.

Autistas, sejam eles de que idade for às vezes têm sucesso intelectual em habilidades distintas (memória, matemática, música); no entanto, quase sempre se saem mal em tarefas que exige lógica e linguagem. Um exemplo bem claro de como o teste pode ajudar na educação da criança autista, é quando se tem a avaliação de áreas como: coordenação motora ampla e fina, essas possuem 18 e 16 itens para serem avaliadas respectivamente, tais habilidades são pré-requisitos para a vida diária, como por exemplo, subir escadas e pegar uma bola; e a desempenho cognitivo e cognição verbal, avaliam 26 e 27 itens respectivamente, que estão relacionados ao desenvolvimento do pensamento e da linguagem, envolve habilidades como contar e nomear letras do alfabeto. No que diz respeito à Coordenação visuo-motora, a mesma, envolve a integração olho-mão e habilidades motoras finas, que são capacidades fundamentais para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Diante do exposto, pode-se dizer que o PEP-R pode ser útil no entendimento de como educar a criança autista de acordo com as suas necessidades e em prol de uma melhor qualidade de vida da mesma.

Cabe salientar que há uma grande carência, em nosso país, de testes que avaliem o desenvolvimento da população atípica e o PEP-R permite a avaliação desta população. E este instrumento permite ajudar tanto no tratamento, como também, no planejamento psicoeducacional para crianças autistas.

De acordo com Leon (2002), as pesquisas que envolvem o PEP-R baseiam-se em situações que diz respeito à validação deste teste em culturas diferentes da norte-americana, e também no que se refere ao emprego do PEP-R como medida de desenvolvimento, enquanto variáveis a ser controladas em pesquisas adotadas a metodologias contrastantes.

Ainda de acordo com a autora acima, outros estudos demonstraram a validade e fidedignidade do PEP-R em culturas chinesas e holandesas. No estudo que Leon realizou em 2002 na região metropolitana de Porto Alegre, a autora pode constatar a validade e fidedignidade do instrumento em sua versão brasileira para a avaliação de crianças autista.

Já na visão de Leon et al (2004), os resultados encontrados na análise das propriedades psicométricas do PEP-R são congruentes com os reportados na literatura científica. Todavia, ainda que alguns aspectos requeiram maior investigação, os resultados do presente estudo sugerem que a versão brasileira do

PEP-R, apesar de circunscrita à região metropolitana de Porto Alegre, pode ser considerada uma medida fidedigna e válida para a avaliação de crianças com autismo.

De acordo com as citações acima, conclui-se que mesmo com o passar dos anos, a autora mantém a mesma visão sobre a fidedignidade dos estudos realizados na versão brasileira do PEP-R.

Uma visão não diferenciada sobre o estudo do PEP-R é a de Lampreia (2003), que considera o PEP-R como sendo uma escala que avalia comportamentos considerados característicos do autismo, podendo ajudar e especificar semelhanças e diferenças nas crianças diagnosticadas como autistas.

Portanto, para diagnosticar o autismo é necessário o uso de outros instrumentos diagnóstico além do PEP-R, já que este não é considerado pela autora como uma ferramenta diagnóstica do autismo, mas que é possível avaliar áreas comportamentais e de desenvolvimento de crianças autistas.

O PEP-R e a sua utilização para a educação do autista

Apesar do PEP-R não ser uma ferramenta diagnóstica do autismo, como mencionado anteriormente, pode avaliar quais são as áreas do desenvolvimento mais comprometido da criança autista, podendo então, favorecer um melhor entendimento de como pais e professores podem contribuir na educação do autista. Já que a criança autista apresenta suas limitações e principalmente na área das relações interpessoais o que dificulta mais ainda a questão da educação, ou seja, da aprendizagem.

A importância da utilização do teste mencionado acima, que tem como proposta principal a de identificar perfis irregulares de aprendizagem, avalia a crianças determinando seus pontos fortes, de maior interesse e suas dificuldades. Para Leon et al (2004), a partir da identificação desses pontos, pode então ser montado um programa psicoeducacional individualizado.

O autismo é uma desordem global do desenvolvimento neurológico, isto é, uma alteração cerebral que afeta a capacidade da pessoa se comunicar, estabelecer relacionamentos e responder apropriadamente ao ambiente. Porém, suas rotinas e

atividades devem ser estudadas de acordo com a necessidade específica, sendo que não significa que se uma criança possui o mesmo diagnóstico que outra tenha que ser criado o mesmo programa psicoeducacional para as mesmas, mas sim, um programa individualizado, visto que crianças, com desenvolvimento típico ou não, crescem e mudam suas habilidades conforme a idade. Como afirmam Gomes e Silva (2007, p. 3):

Neste método a programação individual de cada aluno é uma das ferramentas essenciais, pois possibilita o entendimento do que está ocorrendo, propicia confiança e segurança. As dificuldades de generalização indicam a necessidade de rotina clara e previsível. Indica visualmente ao estudante quais tarefas serão realizadas, além de instrumento de apoio para ensinar o que vem antes, o que acontece depois, proporcionando o planejamento de ações e seu encadeamento numa seqüência de trabalhos.

Todavia, conclui-se que o PEP-R é capaz de criar um programa individualizado de acordo com o desenvolvimento e singularidade de cada criança, haja vista que o autismo é um transtorno muito diferente, com intensidade de comprometimentos que variam de um indivíduo para outro, dependendo de fatores como a idade, nível intelectual da pessoa que padece dele e também da gravidade de seu quadro.

A maioria das famílias tem pouca experiência com as mudanças que surgem na estrutura familiar, de modo a poder lidar satisfatoriamente com um filho que é diferente em seu padrão de desenvolvimento e conduta, e para o qual são necessárias expectativas e objetivos divergentes dos valores sociais já assimilados. É importante destacar que o ambiente familiar mais adequado para uma criança com necessidades educativas especiais é aquele em que se procura um equilíbrio entre as necessidades de todos e de cada um de seus membros.

Na visão de Paula; Regen & Lopes (2005), a família é considerada a primeira célula social da qual fazemos parte e tem sido a responsável por nossa formação individual e social, pela aquisição da auto-estima, autonomia e independência. Se para qualquer pessoa, a família é tão importante, para quem possui algum tipo de deficiência ela se torna imprescindível no sentido de defender seus direitos e ajudá-la a vencer suas dificuldades e a se tornar um cidadão pleno.

Ainda de acordo com os autores acima, o processo de ensino-aprendizagem deve ser realizado de forma inclusiva, nas mesmas escolas que atendem todos os cidadãos. Esta convivência reveste-se de extrema importância como primeira oportunidade.

O PEP-R, se associado a outros instrumentos avaliativos, pode contribuir para que as pessoas possam lidar melhor com os autistas de forma a ajudá-las no sentido de como trabalhar as principais dificuldades e comprometimentos que os mesmos apresentam em função de sua deficiência, buscando desenvolvê-los e estimulá-los para uma vida independente. Sua aplicação é de fundamental importância para subsidiar o professor no que diz respeito ao planejamento da metodologia de ensino que o mesmo poderá empregar a determinado tipo de aluno de acordo com a sua necessidade.

Também é importante para a família da criança, que se tenha a avaliação das áreas do desenvolvimento que estão mais prejudicadas, visto que assim, pode auxiliar os mesmos a aceitação emocional da criança excepcional, já que apenas nesta condição é que eles terão condições de propiciar situações que favoreçam o desenvolvimento pleno de seus filhos.

De acordo com Amiralian (1986), em nenhum momento do desenvolvimento dos programas realizados com a criança a família poderá deixar de participar, já que o objetivo final do processo de orientação familiar é a capacitação dos pais para chegarem a decisões próprias, em tempo oportuno, através da integração familiar harmoniosa.

No que diz respeito à dinâmica das relações familiares com pais que tem filhos autistas deve-se considerar que conforme Amirilian:

[...] a família é a unidade social básica e a origem dos primeiros contatos do bebê. É com ela que o recém-nascido estabelece suas primeiras relações interpessoais. Estas se constituirão como modelo, sempre presente na fantasia do sujeito, para as futuras inter-relações humanas. Portanto, na vida familiar há momentos decisivos (crises) durante os quais ocorrem modificações em cada um de seus membros e na dinâmica interna do grupo. A presença de uma criança deficiente ou prejudicada cria uma situação nova, nunca enfrentada anteriormente, caracterizando então uma crise. (1986, p.45).

Pelo motivo citado acima, é que a participação da família na educação do filho, seja autista ou qualquer outra deficiência, é de suma importância, pois criança autista terá melhores possibilidades de ajustamento e desenvolvimento quanto mais sua família tiver condições de ajudá-la.

Todas as experiências que as crianças adquirem nos primeiros anos de vida contribuem para o conhecimento que adquirem de si mesma. Essas experiências são menos acessíveis à criança autista não só pela sua própria limitação como também pelas atitudes familiares, que não a incentivam e impedem suas tentativas para qualquer atividade, fato este que faz com que essas crianças recebam de seus familiares um número muito menor de estímulos e respostas em comparação com outras crianças normais.

Na maioria das vezes, a criança que é diferente, apresenta uma auto-imagem negativa. Ela passa a ser vista como:

[...] geradora de problemas para o grupo familiar, sendo dificilmente aceita e considerada participante ativa das relações familiares. Isto a leva a uma posição isolada e marginal, que pode transferir para todas as outras situações sociais de que venha a participar (escola, vizinhança, etc.). (AMIRALIAN, 1986, p. 48).

Assim sendo, é necessária uma orientação familiar desde o início do desenvolvimento da criança, já que uma atitude mais sadia e adequada da família propiciará ao indivíduo a formação de uma auto-imagem mais definida e a possibilidade de uma inter-relação mais cooperativa.

Dessa forma, o PEP-R é um instrumento que possui uma aplicação flexível, isto é, sua administração permite que os itens se ajustem aos problemas do examinando e seus materiais são capazes de atrair o interesse de crianças severamente comprometidas, eliminando, então, o mito de que a população autista é intestável.

Sendo assim, este trabalho representa grande contribuição, não só para educadores como também para pais e familiares de crianças acometidas pelo autismo.

Considerações Finais

A respeito do uso do PEP-R, como qualquer outra ferramenta de avaliação, precisa ser utilizado paralelamente com outros instrumentos avaliativos. Ele necessita fazer parte de um processo de avaliação, no qual os resultados se articulam criticamente com os dados coletados através de outros instrumentos tais como: a observação clínica, a avaliação qualitativa, entre outros, visto que o mesmo não é uma ferramenta diagnóstica para o autismo.

Não restam dúvidas que o PEP-R permite conhecer a criança em suas diferentes áreas do desenvolvimento, sendo assim, o referido instrumento permite também subsidiar na criação de métodos de ensino para a criança autista, haja vista que o desenvolvimento está ligado, também, a questões de aprendizagens.

Cada criança possui sua individualidade, então é necessário criar um programa de ensino individualizado para cada tipo de criança e o PEP-R ajuda a conhecer a criança em sua área de dificuldade e de acordo com a singularidade de cada uma. Sendo assim, se a criança é autista não necessariamente tem que apresentar as mesmas características, além do mais o PEP-R é um instrumento possibilita a criação de um programa individualizado para cada criança, de acordo com a necessidade de cada uma.

A pesquisa em questão é de suma importância, visto que, possibilita o entendimento de forma mais aprofundada sobre o universo autista, bem como, sobre a educação da criança acometida pelo transtorno e que a criança autista necessita de uma educação especial que possa suprir, realmente, suas necessidades educacionais.

Cabe salientar que no Brasil existem alguns estudos em relação ao PEP-R no que diz respeito à educação de crianças autistas, ainda assim, há necessidade de uma maior exploração acerca do assunto, já que existem algumas visões sobre tal temática entre os autores. Como exemplo disso, destaca-se que alguns autores falam que o PEP-R é considerado como instrumento fidedigno para a avaliação de crianças acometidas pelo autismo, enquanto outros autores consideram que há a necessidade de incluir outros instrumentos diagnósticos para que haja a fidedignidade do PEP-R.

Como contribuição, o presente artigo buscou fornecer referenciais teóricos relacionados ao autismo e à educação inclusiva, na tentativa de difundir tal tema entre pais e professores da sociedade em geral. Tal estudo é de fundamental importância, pois pode fazer com que o autista se torne mais independente, tendo assim, uma melhor qualidade de vida.

Vale salientar que o autismo é um transtorno que não tem cura, mas, é possível que se possa criar uma rotina de atividades específicas de acordo com as necessidades de cada criança acometida pelo transtorno em questão, sendo essa rotina denominada pelo método TEACCH.

Ressalta-se ainda, que na educação de crianças portadoras do autismo é necessário o apoio familiar, haja vista, que esta desempenha um importante papel para a criança, pois é na família que o autista se constitui enquanto ser pertencente à sociedade.

Referências

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. **Psicologia do excepcional**. São Paulo: EPU, 1986.

CALAZANS, Roberto e MARTINS, Clara Rodrigues. Transtorno, sintoma e direção do tratamento para o autismo. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 12, n.22, jun. 2007.

Disponível em: <

http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282007000100009&lng=pt&nrm=iso > Acesso em: 16 jul. 2012.

Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10:

Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organiz. Mund. da Saúde; trad. Dorgival Caetano. - Porto Alegre: Artmed, 1993.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro & PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

GOMES, Alice Neves, SILVA, Claudete Barbosa da. **Software Educativo para Crianças Autistas de Nível Severo**. In: 4º Congresso Internacional de Pesquisas em Design, 2007, Rio de Janeiro. Disponível em: < www.anpedesign.org.br/artigos> acesso em: 16 Jul. 2012.

GOMES, Camila Graciella Santos e SOUZA, Deisy das Graças de. Desempenho de Pessoas com Autismo em Tarefas de Emparelhamento com o Modelo por Identidade: efeitos da organização dos estímulos. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, vol.21, n.3, fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000300010&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 16 jul. 2012.

KWEE, Caroline Sianlian; SAMPAIO, Tania Maria Marinho; ATHERINO, Ciríaco Cristóvão Tavares. Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v 11, supl.2, março de 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462009000600012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 Jul. 2012.

LAMPREIA, Carolina. Avaliações Quantitativa e Qualitativa de um Menino Autista: uma análise crítica. **Psicol. Estud.**, Maringá, v 8, n. 1, junho de 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 abr. 2012.

LEON, Viviane C. **Estudo das Propriedades Psicométricas do Perfil Psicoeducacional PEP-R: elaboração da versão brasileira**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento)-Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1594>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

LEON, Viviane de et al . Propriedades Psicométricas do Perfil Psicoeducacional Revisado: PEP-R. **Aval. psicol.**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712004000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 mar. 2012.

PAULA, Ana Rita de; REGEN, Mina & LOPES, Penha. **Sexualidade e deficiência: rompendo o silêncio**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2005.

TIMO, Alberto Luiz Rodrigues; MAIA, Natália Valadares Roquette; RIBEIRO, Paulo de Carvalho. Imitation déficit and autism: a review. **Psicol. USP**, São Paulo, v 22, n. 4, dez. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642011000400008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2012.